

DOMINAR A CIÊNCIA E A ARTE MILITARES PARA

DEFENDER CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO

—PALAVRA DE ORDEM TRANSMITIDA PELO PRESIDENTE SAMORA AOS
CADETES DO PRIMEIRO CURSO DA ESCOLA MILITAR DE QUADROS

O CARÁCTER DE CLASSE DAS FORÇAS ARMADAS DA R. P. M., A NECESSIDADE DE SEREM DIRIGIDAS E INTEGRADAS PELO PARTIDO E A ESTREITA LIGAÇÃO QUE DEVEM TER COM O POVO, FORAM ALGUNS DOS PONTOS MAIS SALIENTES DO DISCURSO DO PRESIDENTE SAMORA MACHEL NA CERIMÓNIA DE INAUGURAÇÃO DA ESCOLA MILITAR DE QUADROS EM NAMPULA, NA SEGUNDA-FEIRA. O DIRIGENTE MÁXIMO DA REVOLUÇÃO MOÇAMBICANA DESTACOU IGUALMENTE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DE QUADROS MILITARES TECNICAMENTE AVANÇADOS NESTA FASE EM QUE O INIMIGO NOS ATACA COM OS MEIOS MAIS MODERNOS, E A NECESSIDADE DE MANTER UM ALTO GRAU DE UNIDADE IDEOLÓGICA ENTRE OS CADETES, TENDO COMO SENTINELA A DISCIPLINA REVOLUCIONÁRIA.

É O SEGUINTE O TEXTO DO DISCURSO DO PRESIDENTE SAMORA MACHEL:

Camaradas membros do Comité Central da Frelimo;

Camaradas membros do Conselho de Ministros;

Camaradas Quadros das F.P.L.M.;

Camaradas, Comandantes, Professores, Conselheiros e Cadetes;

Caros Camaradas,

Inauguramos hoje a Escola Militar de Quadros.

Será a primeira Escola a nível universitário que formará quadros para as Forças Armadas. Quadros que terão como tarefa principal a defesa intransigente das conquistas alcançadas pelo Povo Moçambicano na sua fase actual de edificação da Sociedade Socialista. É portanto necessário que os cadetes que hoje iniciam o seu curso sejam os representantes autênticos das classes trabalhadoras, os filhos dos camponeses e operários da nossa Pátria. Esta primeira Escola Militar situa-se em Nampula. Foi aqui que o

colonialismo português, laçao do imperialismo mundial, tinha instalado o quartel-general do seu exército de agressão contra o Povo Moçambicano. Aqui foram planeados os massacres, traçadas as formas dos aldeamentos. Daqui partiram os aviões que derramavam o napalm sobre o solo fértil do nosso País destruindo vidas e bens, daqui partiram os comandos que praticavam o genocídio da nossa população, daqui partiram os assassinos, os espíões. Aqui, nestas mesmas instalações, vivia e praticava a corrupção da população, a soldadesca colonial.

O facto de podermos hoje instalar nestes mesmos locais uma Escola Militar só foi possível graças ao sacrifício consentido, à heroicidade dos melhores filhos da Pátria Moçambicana que durante 10 gloriosos anos de luta armada derramaram o seu sangue, entregaram as suas vidas preciosas, a sua juventude à causa da Revolução. Pres-tamos pois homenagem a esses heróis, que nas várias frentes de luta nunca vacilaram um instante para que hoje fôssemos livres, soberanos e independentes.

**FORMAÇÃO POLITICA
E IDEOLÓGICA
DOS QUADROS
É UM FACTOR DECISIVO**

Caros Camaradas,

O aparecimento desta Escola Militar não é produto do acaso. Ela situa-se no contexto da estratégia política da Frelimo e das FPLM de formar quadros.

Na aplicação da linha política do Partido, na realização das tarefas do Estado, na implementação das decisões superiores dos órgãos dirigentes das Forças Armadas, os quadros, a sua formação, a sua capacidade de execução, são sempre um factor decisivo.

Não havendo uma linha política correcta, não podem surgir orientações justas em que os homens possam assumir os princípios, em que os homens sejam capazes de os materializar criadoramente na prática, nas condições concretas.

Desde a criação da FRELIMO em 1962, desde o aparecimento do nosso Exército Popular de guerrilha, que a questão da formação dos quadros se situou sempre entre as principais prioridades. Em todos os momentos prestámos sempre a maior atenção à resolução da contradição entre a escassez existente dos meios humanos e materiais e as exigências políticas crescentes, as exigências científicas e técnicas determinadas pelos problemas enfrentados.

Desde a sua fundação que a FRELIMO se preocupou com a criação de centros de formação político-militar. Começámos com o campo de Kongwa onde foram formados os primeiros combatentes do 25 de Setembro de 1964. Mais tarde, em 1965, fundámos um novo campo em Nachingwea, que viria a transformar-se num verdadeiro viveiro de quadros para a Revolução e fonte permanente de inspiração na fase actual de Reconstrução Nacional. Viveu-se ali uma verdadeira epopeia. Numa zona árida e com falta de água, conseguimos criar um verdadeiro oásis de verdura com lagoas que cavámos com as nossas mãos. Fizemos daquele campo uma verdadeira retaguarda estratégica para os nossos combatentes e população das zonas libertadas do nosso País. Ali formámos os nossos quadros, não só politicamente mas também dentro das diversas especialidades que o avanço da luta armada de libertação nacional exigia.

Nachingwea foi uma das importantes frentes de batalha na luta contra o colonialismo português. Alguns dos quadros do Comando desta Escola viveram e participaram na epopeia de Nachingwea e nas suas palestras não deixarão por certo de as narrar.

NECESSITAMOS DE DOMINAR A CIÊNCIA E A ARTE MILITARES MODERNAS

O estudo da ciência e arte militares que hoje se desenvolve, enraiza-se na tradição forjada durante a nossa luta, do estudo e síntese das nossas experiências. O estudo foi sempre uma das palavras de ordem das FPLM. A troca de experiências, a sua síntese e a elevação desta à categoria de leis científicas foram uma prática de 16 anos de FRELIMO e das FPLM.

Esta Escola é o produto do nosso crescimento e das novas exigências da fase actual. Quando os inimigos da Revolução Moçambicana se armam com

meios mais modernos de destruição, é necessário que possamos defender a integridade territorial do nosso País e as conquistas da Revolução, e para isso necessitamos de dominar a ciência e a técnica militares modernas. A formação que irão adquirir nesta Escola é um passo para a resolução de algumas exigências.

A arte e a ciência militar que ensinamos nesta Escola são fruto da luta secular dos povos de todo o Mundo. O Povo Moçambicano deu também uma valiosa contribuição nas guerras de resistência que desencadeou contra as invasões estrangeiras ao nosso País ao longo de séculos. Teremos que estudar e investigar a arte militar dos nossos antepassados e sobretudo a tradição de resistência dos grandes chefes militares do passado, desde Bongo ao Maguiguana. Teremos depois que aprofundar o estudo das guerras patrióticas e revolucionárias dos outros povos que nos serviram de inspiração e referência durante a Luta Armada de Libertação Nacional. Aprendemos da guerra de libertação da Argélia, da longa epopeia dos Povos chinês, vietnamita, laociano, cambojeano, coreano, cubano, angolano, cabo-verdiano e guineense, assim como da luta do Povo soviético contra o nazismo na Segunda Guerra Mundial. Aprendemos de todas as lutas populares os novos desenvolvimentos que a ciência e a tecnologia determinam na estratégia e tática militares.

Na nossa luta armada de libertação nacional contra o colonialismo português e o imperialismo sóbemos sintetizar de maneira criadora a experiência dos outros povos e os chefes militares moçambicanos destroçaram as maiores ofensivas do inimigo, entenderam a luta armada a mais de metade das províncias do nosso País e libertaram o território nacional integralmente, levando o inimigo à capitulação total e rendição sem condições. Esta nossa experiência, este nosso contributo à causa da Paz e ao progresso do socialismo científico deve ser obrigatoriamente objecto de estudo e investigação mais profundas dos professores e cadetes desta Escola de forma a que as gerações vindouras possam recordar e conhecer com profundidade e minúcia as grandes fases, batalhas e vitórias alcançadas pelo nosso Povo na sua libertação. Para que quando disserem, fizemos a guerra para conquistar a Paz, estejam perfeitamente conscientes dessa afirmação.

Para que saibam distinguir as guerras justas de libertação, das guerras imperialistas de conquista e dominação.

INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Camaradas,

Uma das dimensões fundamentais da nossa linha política é o internacionalismo proletário. É na base do internacionalismo proletário que integramos as experiências fecundas dos povos irmãos e as fazemos nossas, como igualmente, integramos a nossa experiência no património comum para o desenvolvimento e progresso da Humanidade.

Foi a dimensão do internacionalismo proletário que nos conduziu no passado como no presente a enviar os nossos quadros para estudarem, aprenderem nas escolas e academias dos países irmãos. É essa mesma dimensão que justifica a presença de companheiros de armas de exércitos irmãos nesta Escola.

A presença de conselheiros e professores soviéticos nesta Escola é uma contribuição muito valiosa para a transformação do nosso Exército de guerrilha num poderoso Exército regular, dotado da mais avançada tecnologia contemporânea. A presença dos camaradas soviéticos corresponde aos interesses do nosso Povo, obedece aos princípios do internacionalismo proletário. Eles têm a tarefa de transmitir os seus conhecimentos científicos e de nos fornecer os instrumentos necessários de análise para sintetizar as nossas experiências, elevá-las ao nível da ciência e assim enriquecer o património comum.

ESCOLA DEVERÁ SER CENTRO DE UNIDADE

Caros Camaradas,

Esta Escola Militar destina-se a formar parte dos quadros das Forças Armadas. Formará homens que terão o trabalho militar como tarefa principal.

A Escola é para formar quadros militares que se caracterizam pelo elevado espírito patriótico, a fidelidade ao Partido, o espírito internacionalista, os conhecimentos científicos aprofundados das técnicas e táticas militares.

Esta escola deverá ser um Centro que, permanentemente, consolidará a unidade.

A unidade só existe unindo o Povo, não em torno de princípios abstratos, mas sim no trabalho quotidiano,

no suor do esforço comum.

A nossa unidade tem corpo e como tem corpo necessita de alimento. No contacto diário alimentamos a nossa unidade. Na discussão que fazemos, na marcha organizada alimentamos a nossa unidade. No refeitório, no dormitório, no trabalho manual alimentamos a nossa unidade.

São os sais que alimentam a árvore com raízes profundas. Nós somos os sais que alimentam a unidade. É por isso que dizemos que a nossa unidade tem corpo, tem uma vida orgânica que se manifesta nas nossas relações, no trato, na linguagem.

O asseio não é somente ao nível da roupa, ao nível do corte de cabelo, do corte das unhas, higiene do quarto, mas também ao nível da linguagem. O viver dos exércitos capitalistas caracteriza-se por uma linguagem estúpida. Quanto mais estupidez inventam mais valentes são. Quanto mais bêbado é — o que destrói a unidade porque destrói a disciplina — quantos mais calões conhece, melhor quadro é do capitalismo. É por isso que dizemos que a nossa unidade se manifesta no comportamento de cada um.

Não podemos falar de Pátria, não podemos falar de patriotismo sem a unidade. Quando dizemos unidade referimo-nos à unidade política, unidade ideológica, unidade em todos os campos. Referimo-nos à Unidade Nacional, aquilo que faz do nosso País uma Nação.

IMPORTANCIA DA DISCIPLINA

Nós dizemos: É preciso matar a tribo para que nasça a Nação. É preciso matar o racismo para que nasça a igualdade entre os homens, para liquidar os complexos de superioridade racial.

Mas para que essa unidade seja diariamente fortalecida é preciso que a disciplina activa e dinâmica de todos nós a alimente criadoramente. A nossa unidade alimenta-se da nossa disciplina. Como militares que somos, só uma disciplina activa e dinâmica.

A disciplina activa manifesta-se pela alta sensibilidade para todas as tarefas que lhes são exigidas. questões, questão social, questão política e questão militar. Mas para um conteúdo do ensino. O estudo da História militar ter uma alta sensibilidade tória do FRELIMO, da História de Moçambique, do Materialismo Dialéctico, do Materialismo Histórico, da Economia Política e do Comunismo Científico, devem ocupar uma parte

mais alto, que é o cérebro.

A disciplina nesta questão militar é a sentinela da nossa unidade. A disciplina tem de ser colocada no posto de comando no exército. Ser bom militar significa ser bom político.

Esta disciplina activa assegura-se na permanente vigilância perante pequenas faltas ideológicas, os pequenos desvios do dia a dia, o asseio da linguagem; exerce-se não só individualmente mas também em relação aos outros.

Nas relações com os professores, nas relações com a população, nas relações entre eles próprios, em cada realização, os cadetes devem pôr em prática estes princípios que orientam a nossa vida.

É assim que construiremos e consolidaremos cada vez mais a nossa unidade e seremos capazes de defender através da disciplina conscientemente assumida em cada uma das nossas actividades.

Para atingir estes objectivos para além do programa escolar, no seu sentido estrito, a escola deverá ter um programa mais vasto.

LIGAÇÃO COM O PARTIDO E O POVO

As FPLM são o braço armado do Partido e do Povo. Quer isto dizer que elas só existem, só cumprem a sua tarefa quando inteiramente integradas no corpo harmonioso que constitui o Partido. A ligação com o Partido, a ligação com o povo são ligações permanentes orgânicas.

O Partido aevera estar presente nesta escola em diferentes níveis. Deve estar presente pelas seus membros.

É praticamente impossível poder-se cumprir com as tarefas que são exigidas da Direcção da escola se esta não for composta por quadros provados do Partido.

Os alunos, eles próprios têm necessariamente que vir das fileiras do Partido e da OJM. Não podemos admitir alunos que não venham por estes canais, porque necessariamente

seriam incapazes de assumir as tarefas que lhes são exigidas.

O Partido está ainda presente no conteúdo do ensino. O estudo da História de Moçambique, do Materialismo Dialéctico, do Materialismo Histórico, da Economia Política e do Comunismo Científico, devem ocupar uma parte

importante das actividades escolares dos alunos de maneira a formá-los política e ideologicamente.

Este, não pode ser um estudo meramente livresco. É um estudo que se materializa na prática quotidiana da escola, que se materializa no comportamento quotidiano dos alunos. É um estudo teórico, mas um estudo teórico que se torna prática, que é verificado pela prática.

É necessário um esforço, particularmente dos professores, para que o estudo de certas matérias como o Materialismo Dialéctico, o Materialismo Histórico, a Economia Política, e o Comunismo Científico, não sejam feitos de maneira abstracta, independentemente da realidade moçambicana, ou utilizando a realidade moçambicana apenas como um mero ponto de referência. Pontos de referência, fontes de inspiração, são as realidades vividas por outros processos revolucionários; a nossa, essa constitui sempre o ponto de partida e a essência.

VALORIZAR A NOSSA EXPERIÊNCIA DE LUTA

A experiência histórica do nosso Povo, do nosso Partido constituem uma nova experiência no movimento comunista internacional que importa valorizar devidamente. O Partido surge no seio da frente larga. Desenvolvemos o processo da Revolução Democrática Nacional durante o próprio processo da Guerra Popular de Libertação, instaurámos a Democracia Popular no momento mesmo da proclamação da nossa Independência. O Marxismo-Leninismo surge entre nós como produto da nossa luta, como fruto da luta de classes e do debate de ideias desenvolvidas no seio da Frente. Subestimar estes factores, tornar secundárias estas realidades, e privar o Marxismo-Leninismo da pujança de vida que ele possui em Moçambique, é reduzi-lo a imagens e figuras estereotipadas, a pálidas cópias do exterior.

Assim, o Materialismo Histórico deve ser estudado tendo como fundamento a sociedade real moçambicana nas suas características específicas da evolução histórica.

É portanto necessário que os membros do Comité Central do Partido, da Direcção das FPLM, Quadros veteranos e elementos do Governo, assim

como outros quadros do Partido sejam escalonados para virem realizar palestras e dirigir seminários nesta Escola Militar.

O Materialismo Histórico, o Materialismo Dialéctico, a Economia Política e o Comunismo Científico podem ser correctamente entendidos à luz da História do Partido, da História de Moçambique, do relatório ao III Congresso, das Directivas Económicas e Sociais e doutros documentos do Partido e do Governo.

De particular importância na Escola Militar é o estudo da História Militar Moçambicana, das tradições militares do nosso Povo. Ao longo de toda a nossa História se combateu invasores e conquistadores escravagistas, feudais e capitalistas. De 1964 a 1974 travámos e ganhámos a Guerra Popular de Libertação. De 1974 para cá temos feito face a um novo tipo de agressões imperialistas em que as acções militares se combinam com as acções políticas e económicas no quadro duma estratégia visando a liquidação do poder da classe operária e do seu aliado fundamental o campesinato.

Nestes sucessivos combates, em especial no processo da Guerra Popular de Libertação, desenvolvemos a ciência militar da nossa classe. Nesse sentido, uma das obrigações da Escola Militar é a promoção da investigação da nossa história militar mais recente. As batalhas como o Nó Górdio, Travessia do Zambeze, a ruptura dos eixos Beira/Chimoio, Beira/Inhanga, Niassa Oriental/Zambézia, as batalhas actuais para a defesa da nossa soberania e para rechazar as agressões de Ian Smith devem ser objecto de investigação, estudo, debate e teses.

Este estudo exige que quadros do Partido e das Forças Armadas que não estão na Escola venham aqui dirigir e orientar debates. A Escola deverá saber ir às Zonas Libertadas, às antigas zonas de combate, para, junto das massas, dos combatentes veteranos, aprender as ricas experiências do nosso Povo.

A ligação da Escola Militar com o Povo não se pode operar apenas ao nível da investigação. Tem que ser uma ligação orgânica que permita uma constante identificação com o Povo trabalhador nos seus interesses mais legítimos. A Escola deve estar ligada à unidade de produção.

Com fábricas, empresas estatais, Aldeias Comuns, Cooperativas de Produção, Hospitais, Escolas de outros níveis, Repartições, Bairros. Essas

relações devem ser baseadas na troca de experiências, no apoio a essas unidades, que tanto pode ser no campo cultural como desportivo ou recreativo. Com acções concretas, valorizar a nossa tradição de trabalhar com o Povo, ser um destacamento avançado e dinâmico de difusão da linha do Partido junto das largas massas. Saber trabalhar junto da juventude, despertar nas crianças, promover entre os jovens, operários e camponeses, estudantes, o amor pelas Forças Armadas, o espírito de defender a Pátria.

INIMIGO VAI LUTAR CONTRA ESTA NOVA FRENTE

Caros Camaradas,

Um aspecto particularmente importante para a Escola é a sua ligação com a prática nas unidades das FPLM. A Escola tem que estar integrada nas experiências de preparação combativa adquiridas nas brigadas, batalhões, companhias, ela deve estar integrada nas experiências ricas das unidades que na fronteira neutralizam os ataques do inimigo.

Os alunos e professores deverão regularmente estagiar nas unidades para apreenderem as suas experiências negativas e positivas.

A Escola não termina a sua missão com o diploma de fim do curso. A nossa experiência é de que a formação de quadros é permanente. O quadro está sempre em formação, o estudo é uma exigência. Este não termina com a concessão de um título nem com o ciclo. A Escola por isso deve-se organizar para prestar assistência aos que se encontram nos postos de trabalho. Assistência sob a forma de seminários e reciclagens. Assistência em cursos por correspondência. Assistência no fornecimento de literatura científica e técnica.

Leçamos a nossa bandeira revolucionária neste novo posto de combate, nesta nova frente. Temos a experiência em como a abertura de uma nova frente constitui sempre o alargamento do alvo que oferecemos ao inimigo.

Ele reagirá. Quando o inimigo reage é porque o que estamos a fazer é correcto. Quando nos apoia é porque há qualquer coisa de negativo.

Ser apoiado pelo inimigo é mau mas ser insultado por ele é uma coisa boa.

Se começarmos a provocar distúrbios na população o inimigo vai-nos elogiar ou atacar? Se começarmos a desrespeitar as senhoras casadas o inimigo vai-nos atacar?

A nossa experiência é triste, companheiros. Sabemos que o inimigo reagirá. Vai lutar contra esta nova frente.

Através de uma gota de orvalho pode-se ver o brilho da lua. Isto significa que por aqui poderemos ver o que será o nosso exército dentro de dez anos.

No cumprimento da sua missão o inimigo infiltrará agentes físicos que procurarão aliados entre nós. O inimigo procurará estudar o gosto de cada um. Procurará fazer das fraquezas de cada um pontos de recrutamento. O vício é a base do recrutamento.

Infiltrará também agentes morais para minar as nossas ideias e reforçar as suas fileiras com concepções, atitudes e comportamentos estranhos à nossa ideologia.

O inimigo estimulará o racismo, estimulará o tribalismo e o regionalismo, instrumentos de que sempre se serviu para criar a divisão no nosso seio. Estudem os documentos da Fretilimo sobre o regionalismo, tribalismo e racismo. Estes são os instrumentos do inimigo. Mesmo durante a penetração para conquistar o nosso País, o inimigo utilizou estes instrumentos.

O inimigo utilizará também o racismo e o chauvinismo para denegrir a nossa amizade e solidariedade para com os Países Socialistas. Ele apresentará estes países como novos colonialistas e alguns vão aceitar.

O inimigo estimulará o individualismo e o subjectivismo. Reavivará o passado de cada um para, com base nos aspectos negativos, dividir os cadetes com as barreiras dos complexos de inferioridade e de superioridade, procurando assim implantar o elitismo nesta Escola.

O inimigo procurará introduzir no nosso seio o desprezo pelo trabalho manual, como se houvesse contradição entre este e o trabalho intelectual. Procurará fazer-nos esquecer a nossa posição de classe para nos separar do Povo.

Ele tentará sempre implantar os seus aliados no nosso seio. Nuns casos

esses aliados, serão a ambição, outros o gosto pela bebida. Encontrará aliados na imoralidade, na indisciplina, na falta de pontualidade, no relaxamento, na desorganização, na falta de programa, na ociosidade. Se encontrar aliados em nós, transformará esta Escola que é nossa, em escola dele. Se encontrar aliados em nós, é porque içámos a bandeira da revolução para melhor a combater e traír.

Todas estas manobras de divisão serão utilizadas pelo inimigo para minar a unidade dentro da Escola. Ao procurar minar a nossa unidade, o inimigo estará a tentar neutralizar uma das armas fundamentais para a defesa intransigente da integridade do nosso território.

É por isso que dizemos que esta Escola deve ser um centro de luta. Um centro de luta contra a reacção. Um centro de luta contra o capitalismo e a exploração. Um centro de luta contra o racismo. Um centro de luta contra o tribalismo e o regionalismo. Um centro de luta contra a ambição e o elitismo, contra a imoralidade e o relaxamento, contra a desorganização, contra a preguiça, o liberalismo, a anarquia e a indisciplina. Um centro de luta contra os vícios que caracterizam os exércitos sem Partido.

Caros Camaradas,

Queremos com particular carinho saudar os camaradas soviéticos nossos irmãos de armas que aceitaram sacrifícios para fazer viver esta Escola. Encontram-se em Moçambique no cumprimento do dever do internacionalismo proletário, porque consideram a defesa da Revolução Moçambicana como sendo a defesa da própria Revolução Soviética. Saíram da sua pátria, deixando longe, tarefas exaltan-

tes e necessárias, deixaram longe os seus familiares e amigos, o conforto da terra-mãe para apoiar a edificação do Exército irmão.

No nosso contacto com eles temos aprendido o valor do seu exemplo. Este é um exemplo de ciência, competência, dedicação, espírito de trabalho árduo, vontade de transmitir os conhecimentos e capacidade de exigir o cumprimento das normas. Saudamos esse exemplo e desejamos que continuem assim a representar o Partido e as Forças Armadas da URSS.

Saudamos o comando da Escola e desejamos que continuem a nossa tradição de modéstia em saber aprender. De simplicidade e de espírito de trabalho. Fazer das dificuldades nossas lições. Saber resolver os problemas mais agudos e saber a síntese deles. Só aprendendo se pode dirigir e dirigir significa aprender diariamente. Nunca é demais aprender. Só aprendendo se pode dirigir.

Saudamos os primeiros cadetes desta Escola Militar. A eles confiamos a bandeira gloriosa da Produção, Estudo e Combate que foram as palavras de ordem que nos conduziram sempre à vitória. Que o Povo seja sempre a nossa fonte de inspiração.

Viva a Frelimo, Partido de Vanguarda da Revolução Socialista!

Viva o Povo Moçambicano unido do Rovuma ao Maputo!

Vivam as Forças Populares de Libertação de Moçambique, braço armado do Povo Moçambicano!

Viva o Internacionalismo Proletário!

A Revolução vencerá!

O Socialismo triunfará!

A LUTA CONTINUA!

(De:Noticias", Maputo, 1978-10-04)